



O Etnocentrismo Ocidental Refletido Nos Meios: O Oriente Médio e a Cultura Islâmica Inferiorizada e Ameaçadora Na Esfera Mundial¹

Aline Lilian dos Santos²

Universidade Presbiteriana Mackenzie/ Programa de Iniciação Científica

Resumo

O trabalho proposto explana o modo com que os meios de comunicação, mais especificamente a revista *Veja*, retratam a cultura árabe no âmbito de suas particularidades, assim como estimular a reflexão a respeito da intensa e complexa relação entre a civilização ocidental e a oriental. Busca-se, como principal foco, explorar o tipo de abordagem preconceituosa, superficial e, especialmente, etnocêntrica que a publicação proposta exerce no trato do complexo cultural do Oriente Médio, além dos efeitos causados por esses elementos no receptor da informação. Pretende-se entender tais relações através do processo analítico discursivo do objeto de estudo. Paralelamente a essa atividade a pesquisa será auxiliada por fontes influentes no tema que possam conferir embasamento teórico às afirmações indicadas.

Palavras-Chave

Ocidente; Etnocentrismo; Revista *Veja*; Cultura; Oriente Médio

Introdução

Etnocentrismo consiste em privilegiar um universo de valores, propondo-o como modelo referencial. Basicamente, encontramos em tal posicionamento um grupo étnico se considerar como superior a outro, reduzindo à insignificância seus costumes. Isso é especialmente visível quando o assunto em pauta é o intenso julgamento da cultura islâmica.

De forma específica, depois do atentado ao World Trade Center, em Nova Iorque (EUA), no dia 11 de Setembro de 2001, originou-se uma necessidade insaciável de conhecer, entender, retratar e até mesmo criar o Oriente Médio, a partir de um ponto de vista etnocentricamente ocidental, sendo idealizado por conceitos estereotipados e representações superficiais.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Aluna do 5º Semestre do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisadora pelo Programa de Iniciação Científica da mesma instituição de ensino com orientação do Prof. Dr. Edson Capoano. Email: aline.lilian.santos@gmail.com



A mídia, como espelho da lógica da sociedade ocidental, reflete seus pensamentos e interesses. Porém, faz isso de forma irresponsável, visto que, além de ferir o princípio da busca pela imparcialidade jornalística, relatam conteúdos desrespeitosos sobre a cultura islâmica, munindo-se principalmente, do sensacionalismo tendencioso como mecanismo para inferiorizá-los.

Ainda nesse contexto, os meios detêm o poder de expressão e acabam por definir não só o conteúdo, mas a maneira com que as informações chegarão ao leitor. A esse fenômeno jornalístico foi conferido o nome de *Agenda Setting*. Tal método é utilizado de forma limitada, já que o assunto é apresentado ao receptor depois de passar por uma filtragem, que envolve interesses econômicos e ideológicos da empresa e do jornalista, havendo assim um procedimento de construção da realidade.

Dessa maneira, considera-se o tema da pesquisa, que se encontra em processo de elaboração, relevante. Pois além de ser uma questão atual e de repercussão mundial, exhibe um panorama indiferente à preservação e ao respeito de tais peculiaridades do campo oriental, o que vai de encontro ao princípio da unicidade e originalidade histórica das diversas identidades culturais.

Escolheu-se a revista *Veja*³ pelo fato dela refletir esses conceitos convenientemente tendenciosos aos árabes. Optou-se por fazer uso das edições lançadas a partir de Setembro de 2001, já que tal período intensifica a cobertura do panorama conflituoso entre Ocidente e Oriente Médio do novo século.

1. Orientalismo

Ao longo dos séculos notou-se que um dos principais âmbitos do imperialismo é o seu aspecto ideológico-cultural, o qual denota uma compreensão extremamente racista do mundo em relação aos países em desenvolvimento por parte das potências industriais, a fim de atingirem a hegemonia a partir de uma destacável ação expansionista que se estende até os dias de hoje. ORTIZ (2006) define bem essa característica que na relação Ocidente X Oriente Médio sempre se mostrou tão relevante na determinação desse imperialismo cultural tão explorado:

³A revista *Veja* possui uma tiragem semanal superior a um milhão de exemplares, é a revista de maior circulação no Brasil. Criada pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta em 1968, foi inspirada na revista norte-americana *Times*. *Veja* tem como seu público alvo a classe média, é considerada pelos intelectuais como dona de um perfil conservador, defensora dos princípios do capitalismo, liberdade de mercado e consumismo.



“Os países industriais, compostos de raças “superiores”, teriam agora o dever moral de ensinar as raças “inferiores” o caminho a ser trilhado. Civilizar torna-se um imperativo categórico, pois o homem branco não destrói as espécies inferiores, ele os educa. (...) O Imperialismo funda e dissemina uma visão etnocêntrica entre as diversas classes e camadas sociais das nações dominantes. (ORTIZ, 2006, p.145)

Por mais subentendida e implícita que possa parecer essa relação de poder dos ocidentais sobre o Oriente Médio, sabe-se que ela é intensa e tem bases firmadas num passado de histórico rico em experiências conflituosas e especialmente dominadoras, que se consumam cada vez mais, não somente nos campos político e socioeconômico, mas especialmente no cultural.

De modo a transparecer essa característica de soberania, nota-se claramente extrema necessidade de se criar o Oriente Médio, como se fosse o palco de uma história produzida pelos conceitos ocidentais. A esse processo deu-se o nome de Orientalismo.

“O orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o, em resumo: o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente”. (SAID, 2001, p.15).

Assim, expõe-se uma imagem que muitas vezes não permite livres interpretações sobre os árabes, suas ideologias, peculiaridades e costumes. O espaço explorado se torna vítima de um foco único e especializado que coage contra atributos positivo a respeito desse lugar precariamente desvendado pela cultura ocidental.

“O orientalismo tinha uma posição de autoridade que acredito que ninguém escrevesse, pensasse ou atuasse sobre o Oriente podia fazê-lo sem levar em conta as limitações ao pensamento e às ações impostas pelo orientalismo. Em resumo, por causa do orientalismo, o Oriente não era (e não é) um tema de livre pensamento e ação. (SAID, 2001, p.90)

Dessa forma, o ato orientalista depende de uma superioridade posicional do ocidente, o qual se apresenta dotado de uma inteligência insuperável e de um perfeccionismo eminente, por isso impõe sua cultura como padrão, ao mesmo tempo em que julga e inferioriza os valores árabes, formando conceitos que melhor lhes convém,



estabelecendo estereótipos a respeito dos orientais. Mostra-os como misteriosos, nocivos e inferiores intelectualmente e em seus campos de ação.

“O europeu é um raciocinador conciso; suas declarações de fato são desprovidas de qualquer ambigüidade; ele é um lógico natural, mesmo que não tenha estudado lógica; é por natureza cético e requer provas antes de aceitar a verdade de qualquer proposição; sua inteligência treinada trabalha como a peça de um mecanismo. A mente do oriental, por outro lado, assim como suas pitorescas ruas, é eminentemente carente de simetria. (...) Tente-se arrancar uma declaração de fato de qualquer egípcio normal. Sua explicação será em geral longa e carente de lucidez...”(CROMER apud SAID, 2001, p.90).

Há a necessidade, nessa visão, de que o Oriente seja interpretado pela lógica mais complexa dos estudos do homem ocidental. Sugere-se que o árabe não esteja ciente das especificidades de sua própria origem. Dessa maneira, o âmbito oriental é submetido às tendências preconceituosas das considerações ocidentais.

“(...) com efeito, é que, sem pessoas como ele, o Oriente Médio seria negligenciado; e que, sem o seu papel mediador, interpretativo, aquele lugar não seria entendido, em parte porque o pouco que há para se entender é bastante peculiar, e em parte só porque o orientalista pode interpretar o Oriente, porque este é radicalmente incapaz de interpretar a si mesmo”(SAID, 2001, p.294).

Obviamente os dispositivos midiáticos são as principais fontes encarregadas pela propagação de tais idéias. Avaliando os elementos significativos que constituem a matéria e influenciam na formação de seus conteúdos, observa-se que a revista *Veja* se mostra especialista em expor a cultura árabe como inferior na esfera mundial quando comparada ao mundo ocidental, de forma que confere uma posição privilegiada, especialmente, aos Estados Unidos.

“Hoje, as potências ocidentais encontram-se no auge do poder. Os Estados Unidos, com seu formidável poderio militar, incomparável pujança econômica e sua vigorosa influência política e cultural sobre os destinos do mundo, representam o triunfo dos valores ocidentais, pelo menos aos olhos fundamentalistas islâmicos. (“Assassinato em nome de Alá” – VEJA: 19 de Setembro de 2001).

Nesse âmbito, percebe-se um discurso de autosuficiência ocidental por parte do meio, despindo-se de uma visão neutra sobre qualquer particularidade dos diversos aspectos do Oriente Médio.



A partir de uma abordagem patológica, a Veja trata os árabes como ameaçadores, loucos e fanáticos, como seguem nos trechos: “Os barbudinhos de movimentos extremistas como o Hamas podem chegar a empalmar o comando político da palestina” (“A fúria suicida” – VEJA: 10 de Abril de 2002). “A primeira manifestação do terrorismo de Estado foi o endosso dos regimes dos aiatolás à invasão da embaixada dos Estados Unidos em Teerã por um grupo de jovens fanáticos” (“Escolas de Terror” – VEJA: 19 de Setembro de 2001).

“Os termos cunhados para se referir aos muçulmanos em geral são: ‘barbudos’, ‘fanáticos islâmicos ensandecidos’, ‘sociedade dos turbantes’, ‘universo de turbante’, ‘loucos de Alá’ ‘fanático muçulmano’. (...) Já os termos que a revista tem designado para os terroristas são: ‘barbudinhos de movimentos extremistas’, ‘fanáticos muçulmanos’, ‘fanático do Islã’, ‘soldados de uma guerra santa contra o Ocidente’”. (QUEIROZ 2005, p.4).

Um motivo extremamente relevante que explica esse acontecimento provém do sistema capitalista não ser compatível com os interesses e estilo de vivência da maioria dos árabes, como seus distintos padrões de desenvolvimento econômico e suas particularidades religiosas do Islamismo. Seus atos são julgados pela falta de profundidade do entendimento ocidental, e os relatam a partir de uma visão unilateral, favorecendo as instâncias do Ocidente, sem respeitar as especialidades das esferas e tradições do mundo Oriental, como segue: “Escolas de Terror: Depois do terrorismo étnico, do religioso, do independentista e do nacionalista, amadurece o terror que funciona como braço armado de nações criminosas”. (“Escolas de Terror” – VEJA: 19 de Setembro de 2001).

“Os extremistas, que enxergam o mundo pela oposição entre Jesus e Maomé, se ressentem da avassaladora influência ocidental sobre o planeta, nos costumes, nos hábitos de consumo, no modo de vida. Tanto que, em países denominados Islâmicos, especialmente os talibãs do Afeganistão, tudo o que lembra a cultura ocidental é severamente punido.” (“Assassinato em nome de Alá” – VEJA: 19 de Setembro de 2001.)

Mostra-se, claramente, o juízo de valor pregado pela Veja, sobre o que representa hábitos aceitos como corretos no âmbito mundial. Acredita-se que o Oriente Médio, provido de costumes e práticas ocidentais, pode tornar-se civilizado.

“No Irã, há grandes anúncios de produtos ocidentais pelas ruas de Teerã, existem mulheres procurando cirurgias plásticas, num sinal de vaidade antes inadmissível, e é muito expressivo o contingente



feminino que frequenta a universidade – uma raridade em algumas nações islâmicas que confinam a mulher aos limites do lar. Há aspectos do capitalismo ocidental que são plenamente aceitos pelas populações muçulmanas”, diz um diplomata brasileiro que serviu por oito anos no Líbano. “As cadeias de fastfood, como o McDonald’s, fazem sucesso do Marrocos ao Líbano” (“O inimigo número 1 da América” – VEJA: 19 de Setembro de 2001).

Ainda nesse âmbito, o conceito de modernidade ocidental e o seu intenso e persistente método etnocêntrico de autodenominação do processo evolutivo com relação às diferenças, essencialmente dos árabes, restringe o panorama cultural do Oriente a um significado ínfimo, de modo a não condizerem com os anseios e nem se identificarem com as razões do chamado mundo moderno.

“O Oriente Médio e a África do Norte de hoje não são um centro de grandes realizações culturais nem é provável que se tornem um no futuro próximo. O estudo da região e das suas línguas, portanto, não é uma recompensa por si só, no que diz respeito à cultura moderna” (SAID, 2001, p.293).

O aspecto primordial não considerado pela Veja, é que tal processo de modernização significaria a perda da identidade cultural e religiosa correspondente ao Islã. “O fundamentalismo é um jogo árabe que aumenta a capacidade de ser fundamentalista. Ele não encerra o projeto que vise pelo menos em tese, ao desenvolvimento de um povo” (“Os pobres de Alá” – VEJA: 17 de Outubro de 2001).

O modo como a mídia ocidental, de uma forma geral, retrata os costumes, hábitos e ações dos árabes, torna-se bastante generalizado. Desde revistas e jornais até elementos da mídia terciária, como, principalmente, os filmes, a internet e os próprios noticiários televisivos. Percebe-se essa visão tendenciosa que é disseminada para o povo ocidental, influenciando diretamente na formação da opinião pública, uma vez que tais meios de comunicação possuem extrema força nesse sentido.

“Nos filmes e na televisão o árabe é associado à desonestidade sedenta de sangue. Aparece como um degenerado supersexuado, capaz, é claro, de intrigas astutamente tortuosas, mas essencialmente sádico, traiçoeiro, baixo. Traficante de escravos, cameleiro, cambista, trapaceiro pitoresco: esses são alguns papéis tradicionais do árabe no cinema. O chefe árabe (de saqueadores, piratas, insurgentes “nativos”) é muitas vezes visto rosnando para o herói e a loira ocidentais capturados (ambos impregnados de integridade): “Meus homens vão matar vocês, mas...eles gostam de se divertir um pouco antes”. Nos filmes ou nas fotos de notícias, o árabe é sempre visto em grandes números. Nenhuma individualidade, nenhuma característica ou



experiência pessoal. A maior parte das imagens apresenta massas enraivecidas ou miseráveis, ou gestos irracionais (logo, desesperadamente excêntricos). À espreita, por trás de todas essas imagens, está a ameaça da jihad. Resultado: um temor de que os muçulmanos (ou árabes) tomem conta do mundo”. (SAID, 2001, p.291).

Essa ação que generaliza todo e qualquer habitante árabe e o denomina como fanático e nebuloso transparece nos escritos da Veja de modo inquestionável. O meio conduz a opinião de seu receptor através de uma abordagem parcial fazendo uso de vários mecanismos, como, por exemplo, conferir apelo emocional na redação de seus textos.

“Quem é essa gente que se suicida jogando aviões contra edifícios? Que se veste de bombas e explode supermercados e pizzarias em Israel? Que estoura carros recheados de explosivos contra muros de quartéis? Quem é, enfim, essa gente que se mata em nome de Alá?” (Assassinato em nome de Alá “– VEJA: 19 de Setembro de 2001).

Certamente esses contextos informativos serão passados adiante, o que denota a continuidade de um processo comunicativo desrespeitoso e exclusivo, que não consente com livres interpretações por parte das pessoas com relação aos atos e costumes do Oriente Médio.

2. Cultura e Antropologia: Os elementos subjetivos que explicam o conteúdo

BAITELLO JR (2005) destaca a importância da imagem no processo de constituição de qualquer cultura. Mostra que esse poder imagético cria um forte vínculo entre o homem e suas raízes, expressando os símbolos de suas ideologias.

“O potencial destrutivo ou construtivo das intervenções sociais e culturais por meio das imagens pode ser imenso, quando elas corporificam uma relação viva entre o homem e suas referências, seus símbolos. Quando portam valores, elas sustentam os vínculos entre o homem e suas raízes históricas e culturais. Quando se esvaziam, trazem à tona e demonstram o esvaziamento dos valores de referências de uma cultura” (BAITELLO JR, 2005, p.15)

Assim, o meio proposto afirma sua posição discriminatória, na descrição ocidental sobre esses símbolos marcadamente importantes na composição da identidade cultural.



“Quanto mais se entra no território palestino, mais severas são as roupas (barbas e quipás para homens, saias longas e perucas para as mulheres, que como as muçulmanas tradicionais não podem mostrar os cabelos em público)”. (“A Terra que faltava devolver”– VEJA: 17 de abril de 2002.).

O panorama midiático que se apresenta na exposição das abordagens desse tema histórico entendido por conflito entre Oriente e Ocidente (nos seus diferentes aspectos), é visivelmente caracterizado por traços que emitem juízo de valor, culturalmente aceitos ou não pela sociedade. Eles induzem o leitor a formar seu ponto de vista sobre o fato, muitas vezes, baseando-se na binariedade cultural e em conceitos predeterminados pelas mídias, que se utilizam desses mecanismos para alcançar seus propósitos ideológicos

Apresenta-se então, ao espectador, uma visão filtrada por ideais etnocêntricos do âmbito conflituoso, que se estende na complexa relação desses dois extremos Oriente X Ocidente.

“A violência e a contraviolência representam na comunicação estereotipada dos chamados “meios de massa” a luta épica entre o bem e o mal, a luz e as trevas, a democracia e o totalitarismo, a civilização e a anarquia, a ordem e o caos. A maior parte do conhecimento público acerca da violência, dessa luta, baseia-se nas imagens, definições e explicações proporcionadas pelos meios. A este respeito convém levar em consideração que na tecnificada sociedade atual a imensa quantidade de aventuras e experiências não são diretas, mas sim mediadas e indiretas.” (CONTRERA, 2002, p.16).

Nesse contexto, ressaltando-se as binariedades constituintes do ambiente cultural, pode-se notar a composição de um sistema estereotipado e imutável, onde há o herói (Estados Unidos) que luta contra a fúria dos insanos e fanáticos religiosos orientais, a fim de salvar o mundo da constante ameaça que eles representam. “(...) nossa sociedade e nossa mídia (como sua legítima representante) têm construído discursos heróicos para lidar com a realidade, discursos solares, apolíneos, e um enorme esforço civilizatório” (CONTRERA, 2002, p.24).

Dessa forma, confere-se uma áurea de sombra social sobre o Oriente Médio, de modo a serem, de certa forma, excluídos da chamada sociedade civilizada.

“O fundamentalismo islâmico do século XX, e que adentra o XXI, é uma mentalidade que do ponto de vista econômico e social, se originou da oposição cega a avanços de qualquer tipo. Alimenta-se da pobreza e, por isso mesmo, não pode se apartar dela, sob pena de



desaparecer como uma miragem”. (“Os pobres de Alá” – VEJA: 17 de Outubro de 2001).

ARBEX JR (2001) ressalta uma característica muito relevante na cultura que é transparecida pelos meios de comunicação: O medo do outro. Nesse caso, receio do estrangeiro. Tal ação causou e tende a gerar, com maior frequência e intensidade, o afastamento entre as nações, principalmente quando se trata da não prática do etnocentrismo e respeito mútuo entre as civilizações.

“No mundo contemporâneo, a perspectiva racista e preconceituosa não é acidental, nem é apenas resultado de uma tradição construída por milênios de história, em que o estrangeiro sempre funcionou como uma espécie de imagem negativa de determinada comunidade (eu sou tudo o que ele não é). Ao contrário, é uma perspectiva exacerbada como componente fundamental à elaboração de um mecanismo criador de identidades e exclusões. Esse mecanismo de construções de identidades tornou-se indispensável, em um contexto que dissolveu os grandes laços que uniam povos e nações em comunidades, e estimulou ao máximo a competição entre esses povos e nações.” (ARBEX JR, 2001 p.123).

“O terrorista é tão mais assustador porque está sempre associado a um verbo no condicional – ele seria, ele teria. Laden jamais reivindicou a autoria de suas brutalidades que levam a sua marca. Assassina, massacra e amedronta, mas se mantém na sombra, renunciando ao narcisismo que costuma caracterizar as ações terroristas”. (“O inimigo número 1 da América” – VEJA: 19 de Setembro de 2001).

A superficialidade e espetacularização com que os meios tratam o assunto do mundo Oriental acabam por amedrontar conferir tamanha proporção negativa às especificidades da cultura islâmica. “O século foi inaugurado pelo ataque às torres gêmeas de Nova Iorque, desde então o mundo vive sob ameaça de terroristas sem rosto, com bandeiras difusas, empenhados na matança de inocentes”. (“O século marcado pelo signo do terror” – VEJA: 17 de Março de 2004)

A espetacularização da violência midiática gera amplificação do impacto na recepção da informação, transformando, de maneira radical e brutal, a visão de mundo do leitor.

“E enquanto a mídia se ocupa em espetacularizar a violência, por exemplo, explicitando-a sob formas cada vez mais grotescas, cala sistematicamente sobre outras formas de violência, em realidade promovendo sua amplificação; formas mais sutis que engendram as primeiras” (CONTRERA, 2002, p.29)



Dessa forma, obtêm-se explicações que, disseminadas em mídias de grande tiragem, como é o caso da *Veja*, progressivamente formulam os conceitos tão estereotipados que se presencia nos dias de hoje, principalmente no que diz respeito ao Oriente Médio.

3. *Agenda Setting*: A influência dos meios de comunicação na formação da opinião pública sobre a cultura árabe.

Considerando o conteúdo discutido até o momento, pode-se constatar, claramente, que os meios de comunicação, não somente influenciam, mas também determinam a maneira com que a informação será entregue ao receptor. Isso ocorre através de um procedimento de filtração pelo qual o conhecimento passa durante o processo de criação e produção da notícia.

Nesse acontecimento, confere-se maior atenção às questões socioeconômicas, políticas e ideológicas compatíveis com cada meio que expõe os fatos. Define-se a abordagem mais propícia de uma notícia, as fontes convenientemente aceitáveis que irão compor o corpo da matéria, o grau de importância e o espaço concedido ao assunto dentro de específica publicação.

Esse conceito remete a idéia de *Agenda Setting* em que, através da definição dos inúmeros conteúdos e a maneira como ele chegará ao leitor, a realidade social passa a ser representada por um cenário montado a partir dos meios de comunicação de massa.

“É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá”. (BARROS FILHO, 2001, p. 169).

A pauta dos diálogos interpessoais é sugerida, na maioria das vezes, por esses canais de propagação da informação.

Observa-se, assim, uma notável característica desse processo a construção da realidade, uma vez que os meios funcionam como modificadores do contexto social. Eles apontam para o público receptor sobre o que se dever estar informado ou não.

Um fato que se considera importante relevar na discussão sobre o tema é a ampla responsabilidade concernente aos meios de comunicação na sociedade moderna. Através de suas produções discursivas, construções imagéticas, abordagens expositivas,



essas instituições exercem intensa e inquestionável influência na formação da opinião pública de um complexo panorama social sobre determinado assunto, uma vez que orientam a visão de mundo de seus leitores.

A organização desses componentes da notícia é encarregada de constituir e conferir uma identidade específica e particular ao produto final, que possuirá como principal objetivo formar a imagem, o conceito e a idéia dos expectadores quanto a certa questão exposta.

“(…) as pessoas chegam a conhecer o mundo exterior e sua própria existência, como formam as imagens em suas mentes. Os meios de difusão (meios de comunicação) modelam essas imagens ao selecionar e organizar símbolos de um mundo real (BARROS FILHO, 2001, p.174)

No âmbito internacional, essa função de incumbência midiática é reforçada, já que os fatos ocorrem a uma distância consideravelmente relevante, tornando-se inviável a possibilidade de muitas pessoas, criarem sua própria imagem e julgamento sobre as ocorrências.

De maneira genérica, a cobertura de acontecimentos internacionais deveria ser feita com objetividade, sem atribuições de juízo de valor, mantendo-se um compromisso com a informação, exibindo-se os fatos de modo a proporcionar ao leitor uma abordagem ampla e rica, que pudesse esclarecer o contexto das questões colocadas em pauta.

Justamente pelo fato de os recursos midiáticos obterem tamanha responsabilidade e credibilidade para com o público, o tipo de cobertura que se percebe em alguns meios mostra-se danoso.

Na revista *Veja*, nota-se por várias vezes, além da visível ação egoísta para com o mundo árabe, observa-se o juízo ofensivo e tom prepotente usado no discurso da publicação ao se referir aos atos orientais:

“Seria o Islã uma barreira intransponível para o surgimento de uma sociedade rica, moderna e democrática? (...). Não há nenhuma nação com maioria muçulmana que se situe entre as mais avançadas no mundo” (“Os pobres de Alá” – *VEJA*: 17 de Outubro de 2001).

Sabe-se que a informação e suas fontes midiáticas nem sempre são provenientes de um profissional contratado pela própria empresa de comunicação, que acompanhou o acontecimento de perto. Muitas vezes, essas corporações optam pelo rodízio e compra



da informação de um meio internacional. É o caso das agências de notícia que fornecem seu material para as demais empresas de comunicação.

Com esse tipo de ação, a notícia pode apresentar escassez de fontes que possam oferecer uma visão mais palpável, próxima da realidade, uma vez que, assim, é proporcionado ao receptor diversas visões de mundo, o que lhe permite formar um conceito opinativo mais amplo e embasado.

Logicamente a informação provinda de outro aparelho midiático internacional virá filtrada não só pelos interesses internos da agência, mas também por uma bagagem cultural que constrói o legado dessas nações ocidentais.

A Veja possui como alguns de seus contatos e fontes de informação indispensáveis publicações internacionais como *The New York Times* e *Le Monde*⁴.

“Edmund Ghareeb (1983) entrevistou jornalistas dos principais veículos de comunicação dos Estados Unidos das décadas de 70 e 80, entre eles correspondentes no Oriente Médio e chefes de organizações como os canais de TV ABC e NBC, jornais como *The Washington Post* e *The New York Times*. Dos 17 jornalistas entrevistados, 11 concordaram com a tese de que houve ou havia nos veículos de comunicação norte-americanos um viés antiárabe, um deles não abordou o assunto e cinco discordaram.”(SOMMA, 2006, p.4)

Com esse intenso fluxo de informações conduzidas, apenas uma determinada visão dos acontecimentos será divulgada a um enorme contingente de pessoas que ultrapassam as fronteiras ocidentais. Assim ocorre a criação de um perfil da realidade oriental e suas relações exteriores.

“Dentre 168 jornalistas entrevistados – entre editores, repórteres e jornalistas freelancers, as mais alarmantes respostas da pesquisa despontam que 89,7% dos entrevistados acham que a mídia ocidental transmite uma imagem tendenciosa ou distorcida dos árabes e muçulmanos. A mesma pesquisa detectou que 40% dos entrevistados afirmaram que árabes e muçulmanos são a mesma coisa. (HAMADA in SOMMA, 2006, p.4)

Nesse sentido, a grande imprensa dedica pouco espaço para opiniões discordantes das percepções que sobrevivem desde a Idade Média em relação a árabes e muçulmanos. O que se vê é um alinhamento dos meios de comunicação de massa com os discursos de governos que insuflam ainda mais a imagem negativa desses determinados grupos:

⁴ Essa informação foi concedida por Camila Antunes, jornalista da revista Veja.



“No caso específico do terror islâmico, o indivíduo parte para uma ação em que sua morte é o passo inicial para os resultados desejados. Ele não quer evitar a morte, porque isso inviabiliza sua missão”. (“Escolas de terror” – VEJA: 19 de Setembro de 2001).

ARBEX JR (2001) faz referência à intervenção do fator subjetivo do jornalista que redige e incorpora suas idéias, seja de modo consciente ou subtendido, no corpo da mensagem a ser passada na reportagem. Além da mera questão de jogo de interesses corporativos e comerciais, há fatores ideológicos e até sentimentais do jornalista, que determinam os rumos que o assunto pode seguir:

“No caso de uma guerra, por exemplo, os jornalistas movidos pelo impulso patriótico, tendem a “puxar a brasa”, para o seu lado. E, assim como o patriotismo tem o seu lugar na cobertura, o racismo e os preconceitos – mesmo quando dissimulados por sua retórica humanista e assistencialista – determinam, em geral, a forma do conteúdo das reportagens.” (ARBEX JR, 2001, p.85).

Assim, remete-se à idéia de influência posicional não somente do meio, mas principalmente do redator, que sugere determinado seguimento de explanação e, obviamente, de interpretação.

Nesse mesmo contexto, o autor trata dos efeitos das divergências nos mais amplos e diferenciados âmbitos das culturas. Expõe ainda, sua visão quanto à imagem filtrada e longínqua que se mostra da experiência de outros povos, resultante do processo de fragmentação da comunicação e seleção das idéias subjetivas do produtor da matéria.

“Pessoas de culturas diferentes não apenas falam línguas diversas, mas, o que é talvez mais importante, habita em diferentes mundos sensoriais. O peneiramento seletivo dos dados sensoriais admite algumas coisas, enquanto elimina outras, a tal ponto que a experiência, como percebida através de uma série de filtros sensoriais, culturalmente padronizados, é bastante diferente daquela percebida através de outros”. (ARBEX JR, 2001, p.85).

Por fim, mostra-se que o recorte da realidade repassado aos espectadores nem sempre é condizente com a verdade, a qual muitas vezes se torna muito mais profunda e surpreendente, exibindo valores e informações jamais imaginadas antes sobre determinada cultura. É simplesmente uma questão de ponto de vista.

“É o caso já muitas vezes comentado da capacidade que possui o esquimó de identificar na neve várias tonalidades da cor branca, ali



onde o comum dos mortais pertence à cultura ocidental só enxergará um extenso e monótono deserto branco”. (ARBEX JR, 2001, p.85).

Assim, a Veja insiste em mostrar a parcialidade e julgamentos simplistas em seus textos, ignorando a profundidade desse seguimento cultural

“A lista de horrores já soa, a esta altura, familiar. Meninas proibidas de ir à escola e condenadas ao analfabetismo. Mulheres impedidas de trabalhar e de andar pelas ruas sozinhas. Milhares de viúvas que, sem poder ganhar seu sustento, dependem de esmolas ou simplesmente passam fome. Mulheres com os dedos decepados por pintar as unhas. Casadas, solteiras, velhas ou moças que sejam suspeitas de transgressões – e tudo o que compõe a vida normal é visto como transgressão – são espancadas ou executadas”. (“Fé cega mortal” – VEJA: 17 de Outubro de 2001.)

Considerações Finais

Considerando o que foi abordado no artigo, concluiu-se de que as questões levantadas até o momento se confirmaram.

Entende-se que a relação entre Oriente Médio e Ocidente é um assunto com elevado nível de complexidade devido a, principalmente, divergências de costumes e pensamentos entre tais extremos.

O ocidental sugere-se, por natureza, superior em suas noções culturais e conceitos de desenvolvimento quando comparado aos princípios do Oriente Médio, o que reforça essas diferenças cada vez mais intensas.

Tal visão é repassada à sociedade através da mídia, que possui forte interferência na formulação e manutenção dos conceitos pessoais dos indivíduos, intervindo em seus pontos de vista sobre os mais variados campos sociais.

Nesse caso, alguns mecanismos midiáticos utilizam seu influente poder de comunicação para disseminar idéias etnocêntricas e preconceituosas para com o Outro. Nota-se que a revista Veja, uma das publicações com maior tiragem do Brasil, não cumpre seu papel social de oferecer ao leitor um conteúdo que lhe permita amplitude de entendimento e interpretação, já que expõe as informações de modo preferencialmente tendencioso, superficial e ofensivo através de uma abordagem patológica socialmente.

O meio referido possui por principal função emitir representações levianas e conclusões simplistas sobre o mundo árabe, como um ambiente bárbaro, violento, resistente à modernidade, ancorado por valores ultrapassados, de acordo com uma ideologia fanatista e radical, que o impõe como sombra social.



Nesse sentido, há a visível necessidade de que os aparelhos midiáticos avaliem seus conceitos a respeito dos elementos e conteúdos expositivos que divulgam para a sociedade, pois, como grandes propagadores de idéias e formadores de opinião, possuem a responsabilidade de encaminhar o conhecimento conscientemente, preocupando-se com os efeitos que as denotações causarão nos indivíduos.

Referências Bibliográficas

ARBEX JR, José: *Showrnlismo: A notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BAITELLO JR, Norval: *A era da Iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BARROS FILHO, Clóvis de. *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 2001.

CONTRERA, Malena Segura: *Mídia e Pânico. Saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. São Paulo: FAPESP, 2002.

ORTIZ, Renato. *Mundialização: Saberes e Crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006

QUEIROZ, Ana Virginia. *A ocidentalização da informação*, 2005. Disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>. Acesso em 31 out. 2008.

SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do ocidente*: Companhia Das Letras, 2001.

SOMMA, Isabelle. *Conceitos medievais sobrevivem na visão ocidental em relação a árabes e Muçulmanos*, 2006. Disponível em: http://www.icarabe.org/curso/Aula_7.pdf. Acesso em 17 jan. 2009.

Revista VEJA : edições de 1718 a 1845, correspondes ao período de 19 de setembro de 2001 a 17 de março de 2004.